OCORRÊNCIA DE ALTERAÇÕES DE ORELHA MÉDIA EM CRIANÇAS AO LONGO DO ANO E SUAS POSSÍVEIS REPERCUSSÕES AUDITIVAS

Autor principal: Bruno Henrique Oliveira Santana
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM); bruno.santana@acad.ufsm.br
Halima Sadec Aqel
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM); halima.aqel@acad.ufsm.br
Geovana Becker Forcin
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM); geovana.forcin@acad.ufsm.br
Ana Laura Braida Batista
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM); ana.braida@acad.ufsm.br
Milena Binotto Turra
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM); milena.turra@acad.ufsm.br
Daniela Martins Sanfelice
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM); daniela.sanfelice@acad.ufsm.br
Eliara Pinto Vieira Biaggio
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM); eliara.pv.biaggio@ufsm.br

Introdução: Otites e disfunções tubárias podem prejudicar audição, linguagem e qualidade de vida infantil. Fatores climáticos e sazonais têm sido apontados como influências na ocorrência dessas alterações, tornando relevante seu monitoramento. **Objetivo:** Analisar a ocorrência de alterações de orelha média em crianças ao longo do ano, e suas possíveis repercussões auditivas. **Metodologia:** Estudo observacional, quantitativo e descritivo, com dados obtidos por meio de programa de extensão (nº 057617). A coleta ocorreu entre março de 2025 e maio de 2026 em ambulatório infantil. Foram incluídas crianças com avaliação timpanométrica válida, entre um ano e sete meses e 12 anos e nove meses (média: 6,7 anos). As curvas foram classificadas em: A (normal), Ar (hipomobilidade), Ad (hipermobilidade), B (ausência de pico de máxima admitância) e C (pressão negativa). Realizou-se análise estatística. **Resultados:** Foram avaliadas 83 crianças, totalizando 128 orelhas. Identificaram-se alterações em 54 orelhas (42,2%). A distribuição mensal revelou tendência de maior ocorrência em junho (56,5%) e julho (58,3%), correspondentes ao outono/inverno, com menores proporções em março (20,0%) e maio (16,7%). A comparação entre outono/inverno (46,2%) e primavera/verão (36,0%) foi clinicamente sugestiva, sem significância estatística (p = 0,341). O impacto auditivo ocorreu exclusivamente em crianças com curva B ou C, com risco idêntico entre ambas (16,7%; OR = 1,00; p =1,000). **Conclusão:** A elevada prevalência de alterações de orelha média, concentrada no outono/inverno e com impacto auditivo restrito às curvas B e C, reforça a necessidade de monitoramento audiológico sazonal em crianças para minimizar repercussões no desenvolvimento auditivo e de linguagem.

Referências:

British Society of Audiology. Recommended procedure: tympanometry [Internet]. Reading (UK): BSA; 2018 [cited 2026 May 14]. Available from: https://www.thebsa.org.uk/

Schochat E, Samelli AG, Couto CM, Teixeira AR, Durante AS, organizadores. Tratado de audiologia. 3ª ed. Santana de Parnaíba (SP): Manole; 2022 [citado em 2026 maio 19]. Disponível em: Biblioteca Virtual da UFSM via Minha Biblioteca. https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9786555765731/

Jerger J, Jerger S, Mauldin L. Studies in impedance audiometry: normal and sensorineural ears. Arch Otolaryngol. 1972;96(6):513-23.

Northern JL, Downs MP. Audição na infância. 5th ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2005.

Conselho Federal de Fonoaudiologia; Academia Brasileira de Audiologia; Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia. Guia de orientação na avaliação audiológica [Internet]. Brasília (DF): CFFa; 2023 [cited 2026 May 12]. Available from: https://www.fonoaudiologia.org.br/wp-content/uploads/2023/05/Guia-de-Orientacao-Avaliacao-Audiologica-2023.pdf